

# ALÉM DO ESPARTILHO

**LIVROS** No início do século XX, os jornais satíricos pintaram a odisséia dos paulistas

POR ROSANE PAVAM

**A** história feita a partir de miudezas proustianas conecta os habitantes de uma cidade a seu princípio. Há quatro anos, em *Raízes do Riso*, Elias Thomé Saliba estudava a representação humorística brasileira, da *belle époque* aos primórdios do rádio. Era o início da construção dessa história em pedaços. Agora, em *Preso por Trocadilho* (A imprensa de narrativa irreverente paulistana, 1900-1911), Paula Ester Janovitch se inspira diretamente na cidade em movimento de Saliba, seu orientador. O livro da antropóloga, nascido acadêmico, recorta os retratos dos fundadores da escrita urbana. E prova que esses artistas eram, sim, divertidos e cínicos, a essência sempre questionada do paulista.

*Preso por Trocadilho* é um livro delicado, distante dos manifestos. Mais descreve o humor que ganhava as folhas impressas desde o século XIX do que teoriza sobre elas. Sem tomar o partido dos modernistas, mas, também, sem crucificá-los, deita-se sobre as situações sociais que originaram os pequenos jornais satíricos, predecessores da *Semana de 22*.

**Aqui, sabe-se realmente** de onde veio Oswald de Andrade e o que ele, a certa altura, abandonou em favor de uma carreira literária. Juó Bananére, pseudônimo do escritor italiano macarrônico Alexandre Marcondes Machado, passeia neste livro entre os bondes da Light, os burros da Viação Paulista, os acidentes automobilísticos e os palpites do bicho do Barão, sempre desmascarando políticos ou iludidos (e

nesta categoria Bananére incluiu, um dia, o próprio Oswald).

Sob o pseudônimo Annibale Scipione, Oswald era colunista de *O Pirralho*, jornal em que um espírito de época se condensou. Escrevia (para depois ser substituído por Bananére) seu português italianado nas *Cartas d'Abaix'o Piques*. Esta seção ironizava



**A OBRA.**  
*Preso por Trocadilho*,  
de Paula Ester  
Janovitch. Alameda  
(390 págs., R\$ 60)

Juó Bananére  
se divertia ao desancar  
políticos e iludidos



as correspondências, algo precursoras das sucursais e nascidas da modernidade dos Correios.

Antes, os jornais, impressos com dificuldade, não saíam para a venda, eram buscados pelo leitor nas próprias oficinas e livrarias, e concentravam o conteúdo em questões locais. Mas a modernização trouxe consigo a besta comunicacional, alimentada por estradas de ferro. A posta restante estava aberta a todos os que decifrassem o novo mundo. Os jornais humorísticos olhavam a cidade como sátira não por capricho, antes por uma necessidade cultural.

A São Paulo deste livro é uma confusão de nacionalidades ainda não fundidas. Nela, o caipira convive atônito com a levada de italianos, que em certo momento o supera numericamente. E há os alemães, à véspera do choque bélico.

Somente os jornais satíricos, de vida breve como a de um brinquedo, descem à diversidade marginal; os outros grandes veículos admiram o balançar das moças espartilhadas do triângulo elegante das ruas XV de Novembro, São Bento e Direita. As aparências são importantes nesse período, porque, diz-nos Paula, é preciso se orientar por elas para reconhecer o ser humano ao lado. Caipiras, alemães, italianos, moças de sombrinha, qual é a sua língua?

**Nos jornais** satíricos, deduz-se aqui, consolidou-se não só a imagem paulistana, em desenhos às vezes resistentes à fotografia, como os de Voltolino, mas a fala em si. Ou, pelo menos, esses jornais a tornaram variada e visível, o que provocou elogios de figuras estabelecidas como Olavo Bilac (uma das preciosas ilustrações do livro mostra o bom humor do poeta em três poses fotografadas para o jornal *A Lua*, de 1910).

Macarronismos eram necessários, como o foram na própria Itália, onde o poeta Teófilo Folengo, no século XVII, misturou italiano e latim para descrever a epopéia heróico-cômica do personagem Baldus. A beleza deste livro está em sugerir que é preciso estabelecer uma poética de grupos ou a história desses grupos

estará perdida, à moda da contribuição atual do hip-hop para a periferia urbana. Bananére, Scipione e Fidêncio da Costa (o macarrônico caipira de Cornélio Pires) foram Homeros em sua medida: sem eles, não teria havido a odisséia dos paulistas. ■

Os autores retratavam a cidade com humor não por capricho, mas por necessidade